



PANTANAL/MS/BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE NOVAS GEOGRAFIAS

Mara Aline Ribeiro

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNICAMP
mara_aline@yahoo.com.br

Edvaldo César Moretti

Pesquisador CNPQ Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unicamp
ecmoretti@hotmail.com

Resumo

O Pantanal/MS/Brasil é a maior planície de inundação do planeta, com área de mais de 138 mil quilômetros quadrados. Desde a década de 1970, a região está passando por transformações no modo de produção e nas novas relações da comunidade local com a natureza. As mudanças são observadas na estrutura fundiária das fazendas, no modo de vida dos habitantes, na atividade profissional, na inserção de novos atores na região e a atividade turística. As transformações, respaldadas na totalidade mundo, são necessárias para adequar o espaço pantaneiro às exigências impostas pelo mercado internacional e constroem novas geografias. Este estudo encontra-se em andamento, o objetivo é discutir as principais transformações vividas no Pantanal que interferem diretamente no modo de vida da população local. O levantamento é por meio de observação e entrevistas com membros da população local. Os principais referenciais teóricos utilizados são os estudos de Harvey, Santos e de autores locais.

Palavras-chaves: Pantanal, modo de produção, gente pantaneira.

Abstract

The Pantanal/MS/Brazil is the largest flooded plain of planet, with an area over 138 thousand square kilometers. Since 1970 decade, the region is undergoing by transformations in the production mode and on the new relations of local community with the nature. The changes are observed in the structure of the farms, in the local habitants way of life, in the professional activity, in the entrance of new actors in the region and the tourism. The transformations, backed in world totality, are necessary to adapt the pantaneiro's space to the international market requirements and construction new geographies. This study is in progress and aim to talk about the major transformations experienced in the Pantanal that directly interfere in the way of life of local population. The study is realized by observation and interviews with the

local population members. The mains theory references are David Harvey, Milton Santos and local authors studies.

Keywords: Pantanal, production mode, pantaneira people.

O Pantanal/MS/Brasil é a maior planície de inundação contínua do planeta, com uma área de mais de 138 mil quilômetros quadrados no Brasil, dividido em 11 sub-regiões: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (SILVA & ABDON, 1998), entre os Estados de Mato Grosso e Maro Grosso do Sul, estendendo-se para a Bolívia e o Paraguai (Figuras 1 e 2). Por reunir expressiva biodiversidade que se traduz em valor ambiental, o Pantanal foi elevado à condição de Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO.

Os registros de ocupação do Pantanal contam desde o século XVII, indígenas, portugueses, espanhóis, paraguaios, bandeirantes paulistas, bolivianos, entre outros construíram e reconstruíram o território pantaneiro ao longo desses anos.

Considerando que os estudos em Geografia, segundo Santos¹ têm caráter topográfico² e topológico³, considera-se necessário o mapeamento e a delimitação para entender a lógica da transformação das ideias e dos produtos que determinam o perfil geográfico da investigação científica.

Nesse sentido, para este estudo, optou-se pelo Pantanal do Abobral e o Pantanal do Aquidauana, como recorte espacial do artigo. Esta opção se justifica pelo fato de o Pantanal do Abobral, assim como o do Aquidauana serem regiões com cerca de duzentos anos de tradição pecuária e expressarem integralmente as transformações que ocorrem em todo o Pantanal desde a década de 1970. São regiões organizadas em propriedades rurais, nas quais até meados do século passado se desenvolviam, quase que exclusivamente, a atividade pecuária. Atualmente a reorganização espacial dos Pantanaís do Abobral e do Aquidauana abrangem propriedades rurais que desenvolvem exclusivamente a atividade pecuária ou a atividade turística, assim como aquelas em que compartilham o espaço com o turismo e a pecuária em um mesmo local.

A década de 1970 caracterizou-se por importantes acontecimentos na região do Pantanal, dentre eles, a divisão do Estado de Mato Grosso uno e a criação de uma nova Unidade da Federação, o Estado de Mato Grosso do Sul.

No novo Estado, alguns eventos foram marcantes, como, por exemplo, a implantação da Estrada-parque Pantanal e a pavimentação asfáltica da BR 262. Esses e outros acontecimentos colaboraram no processo de transformação do espaço pantaneiro e conduziram ao recorte temporal do artigo: de 1970 à atualidade.

A transformação espacial que está ocorrendo na região desde a década de 1970 calcada na totalidade mundo está ressignificando a Geografia do Pantanal, caracterizada por diferentes relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza. As “gentes pantaneiras”⁴ do Pantanal do Abobral e no Pantanal do Aquidauana vivenciam e constroem as novas relações com a natureza na produção do espaço.

A discussão proposta neste artigo se baliza na problemática das novas relações que a gente pantaneira constrói com a natureza, promovidas pelas transformações que ocorreram na produção do espaço do Pantanal a partir da década de 1970.

Novos modos de produção no espaço pantaneiro

O Pantanal é dividido em propriedades privadas das terras conhecidas por fazendas, até meados do século XX praticavam, em sua maioria, principalmente a pecuária extensiva de corte, em consonância com pequenas produções artesanais e de subsistência, tais como: laços de couro, sabão, charque, queijo, requeijão, doces, açúcar, a rapadura, o melado, criação de porcos, galinhas, patos, plantação de mandioca, laranja, abóbora, pequena horta.

As transformações pelas quais o Pantanal está passando desde os anos de 1970 foram caracterizadas por acontecimentos de relevância na história do Pantanal. Dentre eles a divisão do Estado de Mato Grosso em dois, a pavimentação asfáltica na BR 262, a criação da Estrada-parque Pantanal, a reestruturação fundiária, a facilidade de acesso, os avanços tecnológicos, sobretudo de comunicação, o título de Patrimônio Natural da Humanidade concedido pela UNESCO, a projeção do Pantanal na mídia, sensibilização ambiental, os programas do governo federal de incentivo ao turismo, a criação de órgãos estaduais de regulamentação do turismo, como, por exemplo, a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul e a crise da pecuária, dentre outros, podem ser considerados elementos de transformações da produção do espaço.

Os eventos elencados, aliados ao reencantamento da natureza no mundo moderno - a partir da Segunda Guerra Mundial, e, principalmente a busca mundial pelo reencontro com a natureza, dão suporte à inserção de outras modalidades econômicas na região, transformando o Pantanal em destino turístico.

A inserção do Pantanal no mercado globalizado atende a uma demanda mundial, independente das relações locais. A totalidade mundo imprime os novos caminhos para a produção espacial e para o modo de vida da gente do Pantanal.

A adaptação às exigências do mercado internacional, reconhecido como um período de crise, fez com que os fazendeiros vislumbrassem formas alternativas de complementação dos lucros, são as chamadas crises periódicas, que segundo Harvey (2006), tem “o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação adicional. Podemos conceber cada crise como uma mudança do processo de acumulação para um nível novo e superior”.

Diante dessa perspectiva, o turismo desponta como uma possibilidade para expansão da capacidade produtiva local e como uma alternativa na complementação dos lucros dos fazendeiros, transformando, parte de suas propriedades, em produto turístico. Assim, a atividade turística é uma das responsáveis pelas alterações no modo produção local.

As mudanças na forma e função do espaço são expressas nas técnicas, na comunicação, no trabalho, na cultura, na forma da propriedade da terra, nas relações humanas e com a natureza. Segundo Santos (2009):

Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o Mundo, ou a Formação socioeconômica. (Santos, 2009, p. 116).

A implantação de novas formas, tais como: a pavimentação da BR 262, a construção da ponte sobre o rio Paraguai (Figuras 3 e 4), a criação da Estrada-parque Pantanal, a construção de pousadas, a construção da Base de Estudos do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a expansão da rede de energia elétrica, o celular rural, a antena parabólica, a internet, os carros adaptados para o turismo, o caminhão boiadeiro, a alteração na estrutura fundiária, entre outros, têm com consequência mudanças técnicas, porque produzem transformações estruturais do funcionamento e alteram as relações socioeconômicas e com a natureza. Esse conjunto configura a alteração da Geografia do Pantanal.

A dinâmica mundial demanda por avanços tecnológicos, sobretudo de comunicação no desenvolvimento de qualquer atividade econômica. O Pantanal acompanha esse ritmo, as técnicas de manejo utilizadas no trato com o rebanho bovino, no final do século passado atualmente não correspondem às exigências do mercado que clama por produtos de qualidade, competitivos e dentro dos padrões de sustentabilidade.

Dessa forma, o tamanho médio das áreas das propriedades rurais vem sofrendo gradativa redução, intensificando o processo de reestruturação fundiária, como, por exemplo, a subdivisão de grandes áreas entre herdeiros. Além disso, as exigências do mercado globalizado levaram os fazendeiros, proprietários de grandes extensões de terra, a aderirem às diferentes técnicas de manejo para manterem-se competitivos. Aos resistentes as novas regras de mercado ou com dificuldades financeiras, restavam-lhes se desfazer de parte das fazendas. Dessa forma, empreendedores de outras regiões e estrangeiros adquiriram terras no Pantanal a baixo custo, estão imprimindo modernas técnicas de manejo do gado e de administração das empresas agropecuárias.

A reestruturação das propriedades no Pantanal e a expansão do mercado da carne bovina no país passaram a exigir produtos de melhor qualidade, para manterem-se competitivos no mercado. A modernização da pecuária demandou a inserção de outros atores na lida do gado, as tradicionais fazendas pantaneiras, em sua grande maioria, sofreram mudanças na forma de trabalhar rebanho. Atualmente, as empresas pecuárias são gerenciadas por administradores de empresas e o rebanho fica aos cuidados de técnicos agropecuários orientados por médicos veterinários e zootecnistas. Aos poucos, máquinas e equipamentos com tecnologias mais avançadas são introduzidos ao trabalho do campo, como, por exemplo, o trabalho que o peão executava à cavalo, em algumas propriedades, estão utilizando motocicletas, triciclos e caminhonetes.

Um dos exemplos das novas práticas na pecuária é a alimentação do gado, que há alguns anos era feita com a vegetação nativa e suplementada apenas com sal boiadeiro⁵, atualmente os animais estão recebendo suplementação nutricional, constituída principalmente de mistura mineral⁶.

Nesse momento de resignificação da Geografia do Pantanal o turismo adentra terras pantaneiras como um dos elementos que interfere na produção do espaço, apoiado na totalidade mundo e transformando o modo de produção local. Santos (2008) assegura que “a

organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional” (SANTOS, 2008, p. 28).

O processo produtivo envolve fazeres humanos, em seus aspectos materiais, sociais e ambientais.

Lefebvre (1973) conceitua o modo de produção em duplicidade:

[...] a dupla acepção do termo decorre de que ‘os homens’ em sociedade produzem ora coisas (produtos), ora obras (todo o resto). As coisas são enumeradas, contadas, apreciadas em dinheiro, trocas. E as obras? Dificilmente. Produzir, em sentido amplo, é produzir ciência, arte, relações entre seres humanos, tempo e espaço. Acontecimento. História, instituições, a própria sociedade, a cidade, o Estado, em uma palavra: tudo. A produção de produtos é impessoal; a produção de obras não se compreende se ela não depende de sujeitos (LEFEBVRE, 1973, apud GODOY, 2008, p. 125-126).

A discussão em torno da produção do espaço remete imediatamente à ideia de trabalho. Para Godoy (2008), a categoria central que fundamenta a produção do espaço é, sem dúvida, a categoria Trabalho. Nas palavras de Lefebvre (2001, apud GODOY, 2008, p. 125-126) “a ‘produção’ envolve não somente o sentido econômico do termo, mas o “sentido da filosofia inteira: produção de coisas (produtos) e de obras, de ideias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e de verdades””. (LEFEBVRE, 2001, apud GODOY, 2008, p. 126). Nesse contexto, o modo de vida da gente pantaneira, em processo de transformação, é parte da produção do espaço.

É nesse universo de transformações que a Geografia do Pantanal se ressignifica e as “gentes pantaneiras” constroem novas relações com a natureza, ancoradas na totalidade mundo e nos novos modelos de produção.

As “gentes do Pantanal” e as novas relações com a natureza

No final dos anos de 1970 iniciou-se no Pantanal um período de grandes transformações que culminaram, nos primeiros anos do século XXI, com a ascensão de outras modalidades econômicas, com o avanço das comunicações e das tecnologias, impondo ao Pantanal novas relações socioeconômicas e novos atores. Esse reordenamento interferiu diretamente no território, na territorialidade, na produção do espaço pantaneiro e no modo de vida da população pantaneira.

Outros atores adentraram a região pantaneira, inserindo novos elementos à cultura pantaneira. A gente pantaneira sempre teve como uma das características, a simplicidade nas relações sociais e com a natureza. As pessoas que vivem no Pantanal, ao longo do tempo, vão adquirindo experiências ambientais que as habilitam a interpretar os ciclos da natureza, tais como, os períodos de cheia ou de seca, o comportamento e identificação dos sons dos animais, a época de florada das plantas e as ameaças que as ações humanas representam para aquele lugar.

Em relação ao trabalho da população pantaneira, até meados do século passado, era quase que exclusivamente voltado à lida com o gado, com relações sociais e profissionais engendradas na família. Normalmente os casais se formavam na própria fazenda, onde trabalhavam, criavam os filhos no local e naturalmente eram treinados para assumirem o trabalho com o

gado. As relações de compadrio eram comuns no Pantanal e podem ser consideradas formas sutis de submissão dos empregados aos patrões, porque o patrão batizava as crianças do empregado, porém, raramente o empregado batizava o filho do patrão.

No espaço rural o homem trabalhava na lida do gado, a mulher no suporte doméstico dessa lida e os filhos ajudavam aos pais, em um contexto de poucas relações externas por conta das distâncias entre as fazendas e as cidades.

A implementação do turismo e a modernização da pecuária alterou o modo de vida e de produção no Pantanal. As gentes do Pantanal, em um curto período de tempo, começaram a conviver com pessoas de diferentes profissões, nacionalidades, culturas, línguas e objetivos. As transformações na vida da população pantaneira não ficaram restritas às relações de trabalho, abrangeu um universo maior nas relações sociais e com a natureza. A chegada de turistas estrangeiros ao Pantanal, por exemplo, “obrigou” os então funcionários das fazendas a comunicarem-se em outras línguas, como forma de sobrevivência. Ao incorporar palavras de língua estrangeira ao vocabulário, esse pantaneiro sentiu-se valorizado e passou a assumir uma posição privilegiada entre os colegas.

Nesse sentido, a linguagem, como uma das formas de identificação e pertencimento a um determinado grupo social, também se ressignifica na paisagem pantaneira. A linguagem, enquanto importante elemento cultural é rica em significados. A cultura, para Bonnemaïson (2002):

[...] é tida como um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração. Por isso, o cultural aparece como a face oculta da realidade: ele é, ao mesmo tempo, herança e projeto. (BONNEMAISON, 2002, p.86).

Outros elementos culturais também vão sendo alterados como, a alimentação. As refeições, ricas em proteína animal, para manter os empregados no campo, tralhando lida com o gado, sob sol forte e calor intenso, por horas, deu espaço a uma dieta diferenciada, incluindo frutas, verduras e legumes, alimentos pouco presentes no Pantanal⁷.

Gradativamente, os pantaneiros vão sendo incorporados ao novo ordenamento profissional atuando, no geral, em atividades subalternas que demandam conhecimento local, como cozinheira, camareira, motorista, piloto, guia de turismo, monitor ambiental, dentre outras. As gentes pantaneiras estão adaptadas à vida do Pantanal, isso os credencia como potenciais profissionais do turismo, desde que treinados para o exercício da nova profissão.

Os outros atores ao adentrarem na região inserem novos elementos à cultura pantaneira e alteram a relação com a natureza. Trata-se de diferentes olhares para o ambiente, um olhar mercantil que o entende como um produto, em oposição ao relacionamento há trinta ou quarenta anos, no qual o ambiente era compartilhado e não como um produto à venda.

O reencantamento pela natureza nos modelos atuais alterou a ideia que o pantaneiro construiu de natureza e de conservação ambiental. Faz-se necessário, portanto, refletir um pouco sobre a(s) concepção(ões) de natureza envolvidas na problemática, que é a forma como a gente pantaneira está construindo as novas relações com a natureza. Pois, para que a natureza do Pantanal esteja apta à venda é preciso mantê-la com as características que lhe são peculiares.

Ao mesmo tempo em que a natureza do Pantanal precisa ser “vendida”, há uma preocupação dos atores locais, com a conservação ambiental, objeto de geração de emprego e renda, é uma espécie de proteção comercial, de um produto que precisa estar em bom estado de conservação para ser comercializado.

A conservação ambiental passa a ter um discurso teórico de modelos externos, produzidos em centros de pesquisa, como por exemplo, os parques. Há uma espécie de desperdício dos modelos de conservação, utilizados pelos pantaneiros em detrimento aos novos padrões estabelecidos em escala mundial.

A problemática ambiental no Pantanal emerge da questão cultural, no sentido da transformação na relação que a gente pantaneira mantinha com a natureza e que atualmente está sob a égide do capital internacional. Como o pantaneiro está construindo a relação com a natureza no novo modelo de conservação proposto?

A inserção do turismo no modo de produção no Pantanal deu início ao processo de mercantilização da natureza. Cotidianamente as gentes pantaneiras estão construindo novas relações com a natureza, observadas no trabalho, no lazer, nas relações sociais e econômicas. Pequenas mudanças no hábito e no comportamento da comunidade pantaneira caracterizam a urbanização no relacionamento com a natureza, como, por exemplo, o secular modo de transporte por tração animal, em algumas propriedades, está sendo substituído por veículos motorizados – motocicletas ou triciclos, as brincadeiras das crianças nos galpões dos peões ou de roda, abriram espaço para o jogo de vôlei de areia e para o vídeo game, as relações sociais passaram a ser internacionalizadas.

As gentes pantaneiras estão reconstruindo a história local em um movimento cíclico e dialético para se moldarem à ordem econômica e social vigente, sob pena de ficarem à parte do processo de transformação.

A geografia como reveladora do movimento da sociedade está se transformando no Pantanal para atender a demanda do turismo e a modernização da pecuária, alicerçada nas relações econômicas, sociais e culturais. A comunidade pantaneira está construindo novas territorialidades que a identificará com o novo espaço. As transformações pelas quais as gentes pantaneiras e o Pantanal estão passando nas últimas décadas inseriram outros elementos ao cotidiano pantaneiro, alteraram os construídos desde a chegada do não-índio⁸ e promovem um processo de ressignificação da Geografia do Pantanal.

Notas

¹ Comunicação pessoal - Douglas Santos, julho de 2011.

² O caráter topográfico se refere ao mapeamento, ao grafismo das ideias e dos produtos.

³ O caráter topológico se refere ao *logos*, ao significado das ideias e dos produtos.

⁴ “Gentes Pantaneiras”: expressão utilizada no texto como referência às pessoas que vivem no Pantanal, aos vários grupos, à multiculturalidade, à diversidade e as diferentes classes sociais que compõem a cultura pantaneira.

⁵ Sal boiadeiro: sal marinho sem refinar

⁶ Mistura mineral: formulação predominantemente à base de sal marinho e fontes de cálcio e fósforo, adicionada de micro e macro elementos minerais.

⁷ Frutas, legumes e verduras não fazem parte da dieta pantaneira por serem pouco cultivados na região, além de serem perecíveis, não suportando o transporte a longas distâncias.

⁸ Não-índio: Denominação referente aos portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos e paulistas que participaram da colonização do Pantanal.

Referências

- BONNEMAISON, J. *Viagem em torno do território*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.196p. p.83-131.
- CIDADE, L. C. F. *Visões de mundo, visões de natureza e a formação de paradigmas geográficos*. Revista Terra Livre. São Paulo. N. 17, p. 99-118, 2011.
- CLAVAL, P. *Campo e perspectivas da geografia cultural*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Geografia Cultural: Um século* (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.196p. p.133-186.
- _____. *O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.144p. p. 35 – 86.
- CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123.
- COSGROVE, D. *A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.92-123
- GODOY, P. R. T. de. *A produção do espaço: uma reaproximação conceitual da perspectiva lefebvriana*. Revista Geosp – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 23, p.125 – 132, 2008.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- LEFEBVRE, H. *A reprodução das relações de produção*. Tradução: Antonio Ribeiro e M. do Amaral. Porto (ortugal): Publicações Escorpião – Cadernos O Homem e a Sociedade, 1973. p. 115.
- MOREIRA, R. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço*. 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- MORETTI, E. *Paraíso visível e real oculto*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.
- NOGUEIRA, A. X. *O que é Pantanal*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PORTO GONÇALVES, C. W. *Da Geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades*. In Sader, E. e Ceceña, Ana Esther (org.) *La Guerra Infinita: hegemonía y terror mundial*, Clacso, Buenos Aires, 2002.
- RIBEIRO, M. A. *Pantanal-MS: Turismo e pousadas*. In: PANOSSO NETTO, A. & RODRIGUES, A. B. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: HUCITEC, 2001.
- SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Afrontamento: 2002.
- SANTOS, D. *A Reinvenção do espaço*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *O que é Geografia?* Inédito. Apostilado. 2007
- SANTOS, M. *Espaço e Método*. 5ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. *Metamorfose do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia*. 6. Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- _____. *Natureza do espaço*. 4. ed. 5. reimpr. - São Paulo: EDUSP, 2009.

O dinheiro e o território. In: SANTOS, M. et al. *Território, territórios - ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13.

SAUER, C. *A morfologia da paisagem*. In: CORRÊA, R. L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.123p. p.12-74.

SILVA J. S. V. DA & ABDON M. DE M., (1998) *Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões*. Pesq. Agropec. Bras., Brasília, v. 33, Número Especial, p. 1703 – 1711, out. 1998.

SORIANO, A.J.S. *Estrada-parque: proposta para uma definição*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2006.

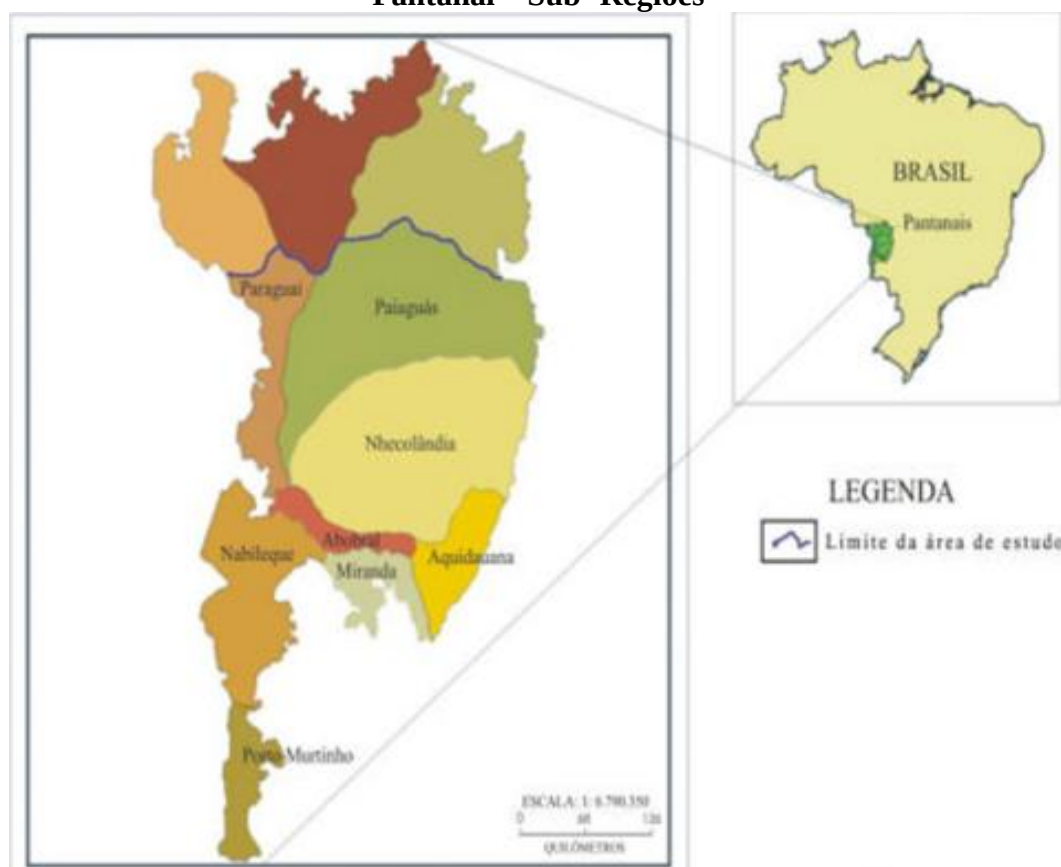
SUERTEGARAY, D. M. A. *Espaço geográfico uno e múltiplo*. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, n. 93, 15 de julio de 2001.

VARGAS, I. A. *Porteiras assombradas do paraíso*. Campo Grande/MS. Ed. UFMS, 2010.

Figura 1. LOCALIZAÇÃO DO PANTANAL NA AMÉRICA DO SUL



Figura 2
Pantanal – Sub- Regiões



Fonte: Parque Regional do Pantanal

Figura 3
Ponte de madeira sob o Rio Miranda.

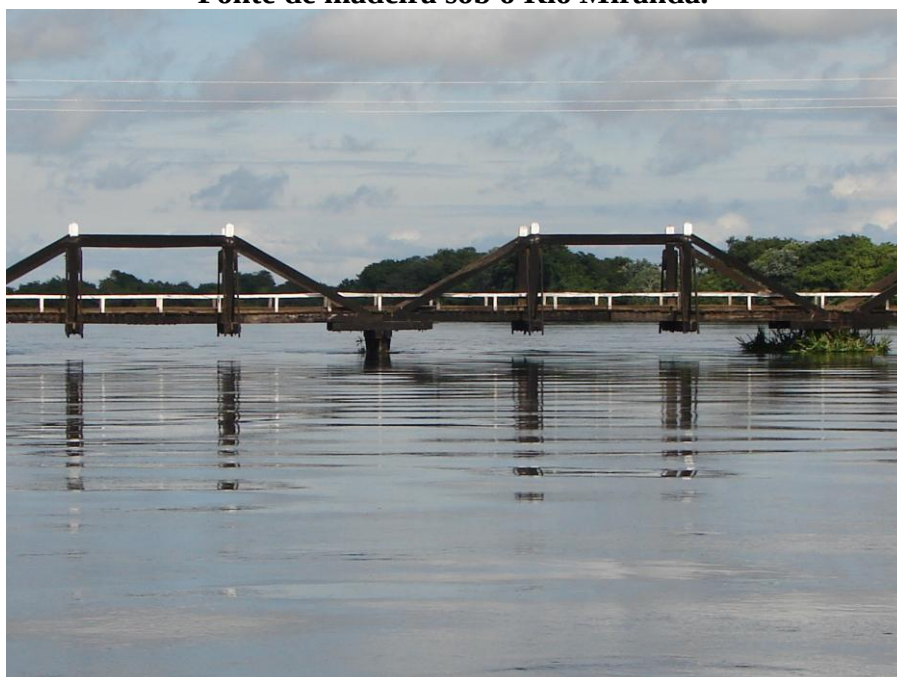


Foto: RIBEIRO, M. A.

Figura 4
Ponte de concreto sob o Rio Miranda, a ser inaugurada no mês de março de 2012.



Foto: RIBEIRO, M. A.